



Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela na qual cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outro arquivo em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais"). A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de Similaridade dos arquivos sendo comparados. Quanto maior a quantidade de termos comuns, maior a similaridade entre os arquivos. É importante destacar que o limite de 3% representa uma estatística de semelhança e não um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade maior do que 3% e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas. Para cada par de arquivos, apresenta-se uma comparação dos termos semelhantes, os quais aparecem em vermelho.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)



Relatório gerado por: kelling.souto@ifrj.edu.br

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
Artigo-formacao-revista.docx X http://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php/alabastro/article/download/239/127	168	1,4
Artigo-formacao-revista.docx X http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/B004306.pdf	190	1,3
Artigo-formacao-revista.docx X https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/14593	77	1,08
Artigo-formacao-revista.docx X https://www.passeidireto.com/arquivo/80195502/altas-habilidades-superdotacao-ah-sd-identificacao-e-encaminhamentos-no-ambito-e/3	42	0,61
Artigo-formacao-revista.docx X https://search.scielo.org	2	0,03
Artigo-formacao-revista.docx X http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?skip=0&co_categoria=2&select_action=Submit&co_midia=2&co_idioma=1&colunaOrdenar=NU_PAGE_HITS&ordem=desc	1	0,01
Artigo-formacao-revista.docx X http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xvii/regsul/regs2016/paper/view/1838/820	1	0,01
Artigo-formacao-revista.docx X http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index	1	0,01
Artigo-formacao-revista.docx X http://www.dominiopublico.gov.br	0	0
Artigo-formacao-revista.docx X https://entertainment.howstuffworks.com/fight-quest4.htm	0	0



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <http://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php/alabastro/article/download/239/127> (6199 termos)

Termos comuns: 168

Similaridade: 1,4%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<http://revistaalabastro.fespsp.org.br/index.php/alabastro/article/download/239/127>

=====
DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente **na área das Altas Habilidades/Superdotação** é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação**, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: **Altas Habilidades/Superdotação**; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais. Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente **no que tange** o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser. Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências **em relação à** formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.



No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita **a existência de** um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a algumas **com base na** importância **nos dias de hoje** em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a idéia **de que a** profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, **quando se fala em** educação especial, especificamente na **formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação** mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A **Lei de Diretrizes e Bases** (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento **e altas habilidades** ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas **com Altas Habilidades/Superdotação** (AH/S) são **educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora** (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados.

REIS (2006) faz **um estudo que** indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar **a formação de professores**, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida **oferta de atendimento** aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de **formação de professores a partir do** lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os

professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de **formação de professores** no Brasil estão possibilitando o **desenvolvimento de** competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S?

Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação**, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas **no estado do Rio de Janeiro** e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram **por meio de** feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade **com relação ao** tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, **que não se** percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:



Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na sequência.



2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas **de educação foram** contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre **Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)**?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das



respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.

Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou **algumas áreas do conhecimento** humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não **ou que não** tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar **com a questão**.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes **em alguns casos** de capacitação. Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de **formação de professores** no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de **formação de professores** no Brasil não preparam



adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.

Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à **educação especial e** especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil **nem ao menos** mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com **a capacidade intelectual** do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, **de acordo com** Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, **com base em** mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é **um fenômeno raro**. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino.

Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em **testes de QI**. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos **testes de QI** dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se **o termo gênio apenas para** descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos



em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que pessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, **apesar de que** em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho **em algumas áreas do conhecimento**.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe **que não há** relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa **de atendimento educacional especializado**, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, **apesar de que** os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura **afirma que o** componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. **De acordo com Virgolim** (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir **um sistema educacional** inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, **que alunos com** necessidades especiais devem permanecer **a fim de** receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para **que alunos com** necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. **Quando se fala em** alunos AH/S se faz necessário ofertar **programas de enriquecimento** escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços **no sentido de** ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi **possível observar que** tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi **possível observar que** os cursos básicos de **formação de professores** deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial, apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos. A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS



- GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.
- TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências **em relação à** formação para o magistério, 2000. **Disponível em:** http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. **Acesso em** 27 setembro 2020.
- PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. **Disponível em:** http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. **Acesso em** 27 setembro 2020.
- _____. MEC. Proposta de diretrizes **para a formação** inicial de professores **da educação básica**, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. **Disponível em:** http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. **Acesso em** 11 de outubro 2020.
- Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. **Disponível em:** http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.
- _____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. **Disponível em:** <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. **Acesso em** 15 janeiro 2020.
- FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. **Disponível em:** <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. **Acesso em:** 10 janeiro 2020.
- REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? **a (falta de) formação docente para altas habilidades/superdotação no Brasil**, 2006. **Disponível em :** https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.
- AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor **a partir do** lúdico: um possível caminho para identificação de **alunos com altas habilidades/superdotação**, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.
- BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., **Altas Habilidades/Superdotação no** contexto escolar: percepções **de professores e** prática docente, 2014. **Disponível em:** <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. **Acesso em:** 28 setembro 2020.
- VIRGOLIM, A. M. R., **Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. **Disponível em:** <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. **Acesso em** 06 junho 2019.
- CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados **às altas habilidades**, IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de **talentos e altas habilidades:** orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.
- _____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático-Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. **Disponível em:** http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. **Acesso em** 15 janeiro 2020.
- ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.
- BURNS, D. E. **Altas habilidades/superdotação:** manual para guiar o aluno desde **a definição de um**



problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente **para o desenvolvimento de** talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set./dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: **Susana Graciela Pérez Barrera Pérez**).

DELOU, C. M. C., **Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a **estudantes que possuem** um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto.Não entendo sobre o assunto.



É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras. Entendo que pessoas que tem AH/S possuem uma maior **facilidade de aprendizagem** em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e **até mesmo** chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive **a oportunidade de** conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, **pela primeira vez**, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação **em sala de aula**. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck



chegou a trazer um quadro sobre **crianças com altas habilidades** no início da quarentena.
Sim para todas as opções. Sim de duas lives.

DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de **formação de professores** para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi **a respeito de** uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer **que a educação** brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez **pelo fato de que** quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de **formação de professores** não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e **até o momento** não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto. Conhecimento específico do assunto. Capacidade **de identificar e** trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais **do que um** interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular **cada vez mais** o desenvolvimento e o aprendizado do aluno **de acordo com** sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranqüilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)



A AH/S é **um fenômeno raro**.29,6%55,2%
Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S.11,1%10,3%
Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado **ao longo da vida**.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa **de atendimento educacional especializado**.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez **que a identificação** fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/B004306.pdf (8760 termos)

Termos comuns: 190

Similaridade: 1,3%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/B004306.pdf

=====

DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área **das Altas Habilidades/Superdotação** é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação**, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. **A pesquisa de** opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: **Altas Habilidades/Superdotação**; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII **o professor se** torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais.

Assim como a profissão, **a preocupação com** a formação docente também não é recente, especialmente **no que tange o papel do** professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional **dos professores e** suas conseqüências **em relação à** formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a



algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a ideia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados. REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o



desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S? Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação**, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção **da superdotação** a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentre **a área de** ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do **Rio de Janeiro** e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E **O PAPEL DO PROFESSOR**

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, **além de ser** apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre **as pessoas com** habilidades superiores, **que não se** percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S **formam um grupo heterogêneo**, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, **traços de personalidade e** necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a **atender as necessidades** especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade **faz com que** o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa **da Organização Mundial de Saúde** os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos **em suas necessidades especiais**.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a **teoria dos três anéis** de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de **superdotado na visão de** Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, **criatividade e envolvimento**, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas



socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140). Renzulli estabelece dois **tipos de superdotação**: a **superdotação acadêmica** e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de **pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais** desses estudantes. Fato do qual deixa claro **a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável**. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo mental, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu **senso de humor**, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda a diferença em se tratando **de aprendizagem e necessidades educacionais** (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se **a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais**.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais **do aluno com AH/S**, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos **para os alunos com AH/S** é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o **que pode gerar** desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante **no processo de** coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre **Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?**

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.



Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender **acima da média**. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender **em uma ou** algumas áreas do conhecimento humano. Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum **aluno com AH/S**? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado **com o grupo** de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e **em alguns momentos** até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico **para lidar com** a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre **a formação dos** pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes **em alguns casos** de capacitação. Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.



Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à **educação especial e** especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é **que a maioria dos** cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes **de alunos com AH/S?**

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente **para lidar com** alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da **necessidade de conhecer** o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante **para lidar com o aluno** AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, **de acordo com** Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta **um conjunto de** mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. **Um conjunto de** afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em **testes de QI**. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos **testes de QI** dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI **acima da média**.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se **o termo gênio** apenas para descrever pessoas que deram **contribuições originais e de grande valor** à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que



peessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (REZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que **chama a atenção** é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de **um ambiente de** estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. **De acordo com** Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que **alunos com necessidades especiais** devem permanecer **a fim de receberem** educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que **os sistemas de ensino**, as escolas **e a sociedade** devem promover para que **alunos com necessidades educacionais especiais** sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar **a capacitação dos** professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais **de 15 anos de** profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande **parte do grupo** pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial,



apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos.

A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS

GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.



TARDIF, M. Saberes profissionais **dos professores e** conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional **dos professores e** suas conseqüências **em relação à** formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

_____. MEC. Proposta de diretrizes **para a formação** inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.

Lei N° 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.

_____. Resolução CNE/CEB **N° 02 de 11 de** setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.

FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para **altas habilidades/superdotação** no Brasil, 2006. Disponível em : https://btdt.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.

AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor **a partir do** lúdico: um possível caminho para identificação **de alunos com altas habilidades/superdotação**, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.

BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., **Altas Habilidades/Superdotação** no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.

VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, **Secretaria de Educação Especial**, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores.** p. 15. **Porto alegre: Artmed**, 2007.

_____. Os desafios da escola pública paranaense **na perspectiva do** professor PDE - Produções Didático-Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.

ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.

BURNS, D. E. **Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final.** p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/**



superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente **para o desenvolvimento de talentos e superdotação**. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set .dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, **Secretaria de Educação Especial**, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum **sobre o assunto**. Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente **o que significa**, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.” É quando um aluno tem QI **acima da média**.

Pessoas que possuem capacidade de aprender **acima da média**. Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) **dos demais alunos**.

Aluno com aptidão em determinado assunto. Não entendo **sobre o assunto**.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, **que se destacam em relação aos** seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras. Entendo que



peças que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é **de interesse em** aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é **de seu interesse**, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido **que os outros** alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava **em outro local** e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando **com os outros** professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano **do ensino médio**, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive **a oportunidade de** conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, **os alunos mais** graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação **em sala de aula**. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live **sobre o assunto**.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças **com altas habilidades no** início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.



DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores **para lidar com** alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S **e muito menos** de como trabalhar todo **o seu potencial**. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível **dizer que a** educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, **que ainda não** é suficiente. Nem tampouco alcança **todos os níveis de ensino**, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos **com necessidades especiais**. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez **pelo fato de** que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, **o aluno superdotado**, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto. Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos **com a educação**. Antes de tudo conhecimento em todas **as suas especificidades**.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além **do que o professor** já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno **de acordo com** sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%



Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado **pela escola e** pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/14593> (1244 termos)

Termos comuns: 77

Similaridade: 1,08%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/14593>

=====

DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área **das Altas Habilidades/Superdotação** é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação**, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: **Altas Habilidades/Superdotação**; **formação docente e** prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais.

Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a



algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual **que atua em** situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a ideia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala **em educação especial**, especificamente na formação de professores para alunos **com Altas Habilidades/Superdotação** mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de **Diretrizes e Bases** (LDB) define **educação especial da** seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação **da Lei nº 12.796 de 2013**, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas **com Altas Habilidades/Superdotação** (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram **que os professores** possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados.

REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores **do Ensino Fundamental** da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, **que os professores** não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o

desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S? Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação**, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do **Rio de Janeiro** e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas



socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam **de pais e** professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda a diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais **do aluno com** AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos **do ensino fundamental II** e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende **sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)**?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.



Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH/S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação. Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.



Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que



peessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de **atendimento educacional especializado**, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o **grupo de** licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial,



apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente **com esses alunos**, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da **educação especial**, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos. A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção **das Altas Habilidades/Superdotação** junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com **análise dos dados** embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS

GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.



TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

_____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.

Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.

_____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.

FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para **altas habilidades/superdotação no Brasil**, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.

AMARAL, A. S. S. A., **A formação do professor** a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos **com altas habilidades/superdotação**, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.

BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., **Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente**, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.

VIRGOLIM, A. M. R., **Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. **Porto alegre: Artmed**, 2007.

_____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático-Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.

ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.

BURNS, D. E. **Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final**. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). **A construção de práticas** educacionais para alunos **com altas habilidades/**



superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial** | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set./dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., **Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto.Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras.Entendo que



peessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno **do ensino fundamental** que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos **do ensino fundamental** com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação **em sala de aula**. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças **com altas habilidades** no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.



DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre **caminhos para desenvolver** essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto.

Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%



Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de **atendimento educacional especializado**.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <https://www.passeidireto.com/arquivo/80195502/altas-habilidades-superdotacao-ah-sd-identificacao-e-encaminhamentos-no-ambito-e/3> (866 termos)

Termos comuns: 42

Similaridade: 0,61%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <https://www.passeidireto.com/arquivo/80195502/altas-habilidades-superdotacao-ah-sd-identificacao-e-encaminhamentos-no-ambito-e/3>

=====
DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor **no que diz respeito** às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais. Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser. Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.



No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a idéia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores **para alunos com Altas Habilidades/Superdotação** mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A **Lei de Diretrizes e Bases** (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira **pessoas com Altas Habilidades/Superdotação** (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados.

REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento **aos alunos com AH/S** no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação **de alunos com AH/S**, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os



professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S?

Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas **no ambiente escolar**, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do **aluno com AH/S**, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os **alunos com AH/S** é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na sequência.



2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das



respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.

Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum **aluno com AH/S**? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação **sobre o tema**, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação . Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam



adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.

Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes **de alunos com AH/S?**

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e **FLEITH, D. S.**, 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino.

Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos



em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que pessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar **no que diz respeito** às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial, apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos **de alunos com AH/S** (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade **sobre o tema** (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção **de alunos com** necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos. A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor **no que diz respeito** às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS



- GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.
- TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.
- PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.
- _____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.
- Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.
- _____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.
- FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.
- REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.
- AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.
- BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.
- VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.
- CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.
- _____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático -Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.
- ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.
- BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um



problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas **educacionais para alunos com altas habilidades** /superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set /dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto.Não entendo sobre o assunto.



É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras. Entendo que pessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck



chegou a trazer um quadro sobre crianças **com altas habilidades** no início da quarentena.
Sim para todas as opções. Sim de duas lives.

DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto. Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranqüilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)



A AH/S é um fenômeno raro.29,6%55,2%
Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S.11,1%10,3%
Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <https://search.scielo.org> (256 termos)

Termos comuns: 2

Similaridade: 0,03%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://search.scielo.org>

=====

DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais.

Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a



algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a ideia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados. REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação **no Brasil**.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o



desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S? Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas



socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda a diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.



Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação. Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.



Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que



peessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial,



apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos. A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS

GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.



TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

_____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.

Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.

_____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.

FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.

AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.

BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.

VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.

_____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático -Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.

ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.

BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades



/superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set .dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to H/A/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of H/A/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto. Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.” É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média. Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto. Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras. Entendo que



peessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças com altas habilidades no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.



DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto.

Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular **cada vez mais** o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%



Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====

Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?skip=0&co_categoria=2&select_action=Submit&co_midia=2&co_idioma=1&colunaOrdenar=NU_PAGE_HITS&ordem=desc (492 termos)

Termos comuns: 1

Similaridade: 0,01%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?skip=0&co_categoria=2&select_action=Submit&co_midia=2&co_idioma=1&colunaOrdenar=NU_PAGE_HITS&ordem=desc

=====

DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais. Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser. Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores



utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a idéia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados. REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.



BABIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S?

Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas.



(ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.



Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.



Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.

Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação. Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.



O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.

Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições



originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que pessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (REZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um longo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e



conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial, apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos. A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.



4 REFERÊNCIAS

- GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.
- TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.
- PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.
- _____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.
- Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.
- _____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.
- FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.
- REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.
- AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.
- BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.
- VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.
- CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.
- _____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático-Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.
- ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga,



ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.
BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.
FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades /superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.
RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set ./dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).
DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes



que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto. Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras. Entendo que pessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagiu com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagiu bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que



acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças com altas habilidades no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.

DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto. Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.



Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%

Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas. 0% 3,4%

As pessoas AH/S têm elevado QI. 48,1% 51,7%

O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida. 3,7% 6,9%

Indivíduos com AH/S são gênios. 11,1% 27,6%

Pessoas com AH/S são bons alunos. 22,2% 10,3%

Um aluno AH/S terá futuro brilhante. 7,4% 6,9%

AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais. 77,8% 86,2%

O cérebro de um indivíduo AH/S é maior. 0% 0%

Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar. 66,7% 79,3%

A AH/S é, em grande parte, genética. 22,2% 20,7%

A AH/S é hereditária. 3,7% 6,9%

AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas. 11,1% 20,7%

A AH/S é uma deficiência. 0% 0%

A AH/S é uma doença. 0% 3,4%

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas. 11,1% 41,4%

A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico. 0% 0%

AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver. 44,4% 75,9%

AH/S aprendem sozinhos. 44,4% 20,7%

O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família. 14,8% 6,9%

O Aluno AH/S é comportado. 0% 0%

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado. 85,2% 65,5%

Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos. 3,7% 10,3%

Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação. 7,4% 20,7%

O aluno AH/S é solitário. 33,3% 34,5%

Página

1

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====

Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2:

<http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/xviiregsul/regs2016/paper/view/1838/820> (94 termos)

Termos comuns: 1

Similaridade: 0,01%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/xviiregsul/regs2016/paper/view/1838/820>

=====

DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais. Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser. Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à



profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a idéia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados. REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar **e trabalhar com** alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores



do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S?

Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas.

(ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli

considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estimulação mental, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram



tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?



Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.

Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação. Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos



dizerem (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.

Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre



os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que pessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por



grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial, apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos. A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.



4 REFERÊNCIAS

- GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.
- TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.
- PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.
- _____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.
- Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.
- _____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.
- FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.
- REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.
- AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.
- BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.
- VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.
- CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.
- _____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático -Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.
- ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.



BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades /superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set .dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title
FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.



Aluno com aptidão em determinado assunto. Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras. Entendo que pessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha



mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças com altas habilidades no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.

DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto.

Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.



Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%

Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas. 0% 3,4%

As pessoas AH/S têm elevado QI. 48,1% 51,7%

O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida. 3,7% 6,9%

Indivíduos com AH/S são gênios. 11,1% 27,6%

Pessoas com AH/S são bons alunos. 22,2% 10,3%

Um aluno AH/S terá futuro brilhante. 7,4% 6,9%

AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais. 77,8% 86,2%

O cérebro de um indivíduo AH/S é maior. 0% 0%

Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar. 66,7% 79,3%

A AH/S é, em grande parte, genética. 22,2% 20,7%

A AH/S é hereditária. 3,7% 6,9%

AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas. 11,1% 20,7%

A AH/S é uma deficiência. 0% 0%

A AH/S é uma doença. 0% 3,4%

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas. 11,1% 41,4%

A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico. 0% 0%

AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver. 44,4% 75,9%

AH/S aprendem sozinhos. 44,4% 20,7%

O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família. 14,8% 6,9%

O Aluno AH/S é comportado. 0% 0%

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado. 85,2% 65,5%

Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos. 3,7% 10,3%

Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação. 7,4% 20,7%

O aluno AH/S é solitário. 33,3% 34,5%

Página

1 _____

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20 _____

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index> (575 termos)

Termos comuns: 1

Similaridade: 0,01%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index>

=====
DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais.

Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a



algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a ideia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados.

REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o



desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S? Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas



socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda a diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.



Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação . Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.



Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que



peessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial,



apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos.

A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS

GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.



TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

_____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.

Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.

_____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.

FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.

AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.

BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.

VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.

_____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático -Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.

ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.

BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades



/superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set .dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto.Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras.Entendo que



peessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças com altas habilidades no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.



DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto.

Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%



Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <http://www.dominiopublico.gov.br> (66 termos)

Termos comuns: 0

Similaridade: 0%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <http://www.dominiopublico.gov.br>

=====
DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais.

Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a



algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a idéia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados.

REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o



desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S? Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas



socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda a diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.



Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação . Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.



Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que



peessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial,



apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos.

A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS

GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.



TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

_____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.

Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.

_____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.

FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.

AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.

BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.

VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.

_____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático -Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.

ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.

BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades



/superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set .dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto.Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras.Entendo que



peças que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças com altas habilidades no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.



DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto.

Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%



Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo-formacao-revista.docx](#) (5951 termos)

Arquivo 2: <https://entertainment.howstuffworks.com/fight-quest4.htm> (912 termos)

Termos comuns: 0

Similaridade: 0%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo-formacao-revista.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <https://entertainment.howstuffworks.com/fight-quest4.htm>

=====
DA FORMAÇÃO BÁSICA A PRÁTICA DOCENTE: QUAL A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A SUPERDOTAÇÃO?

RESUMO: O exercício da profissão docente na área das Altas Habilidades/Superdotação é desafiador e requer uma formação preocupada com essa temática. Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto. Participaram da pesquisa 56 participantes da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa de opinião pública com participantes não identificados se preocupou em obter uma amostra diversificada e os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIENSE e ROSSETTI foram alguns dos autores que embasaram as discussões desse trabalho. Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores não tem trazido a percepção adequada da superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação; formação docente e prática docente.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente surgiu junto com a humanidade (GAUTHIER e TARDIF, 2013), entretanto, só apenas no século XVII o professor se torna um mestre de classe, papel que exerce até os tempos atuais.

Assim como a profissão, a preocupação com a formação docente também não é recente, especialmente no que tange o papel do professor e suas práticas. Diversos questionamentos envolvendo essa temática surgem e tomam como base três aspectos fundamentais: o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

Estudioso do assunto, TARDIF (2000), discute os elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, destacando três pilares: os saberes profissionais (conhecimentos, competências, habilidades, etc) que professores utilizam efetivamente em seu trabalho diário, os conhecimentos incorporados nos cursos de formação e à profissionalização do ensino junto à formação.

No que diz respeito ao saberes profissionais, (PERRENOUD, 2001) cita a existência de um referencial teórico que identifica cerca de 50 competências cruciais na profissão de educador, onde faz destaque a



algumas com base na importância nos dias de hoje em função das transformações dos sistemas educativos, bem como da profissão e das condições de trabalho.

O trabalho do professor inclui competências de um profissional intelectual que atua em situações singulares. Para tanto o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não suficiente. É preciso saber mobilizá-lo em situações concretas, qualquer que seja a sua natureza. A produção do conhecimento teórico exige competência de construir um discurso sobre a prática, (MEC, 2000). Além do que, o professor precisa aceitar a idéia de que a profissão muda e sua evolução exige que possuam novas competências (PERRENOUD, 2001).

As exigências da educação forçam, naturalmente, atualizações nos cursos de formação docente, a busca por capacitações e formação continuada por parte desses profissionais, bem como ao desenvolvimento de novas competências, conforme aponta (TARDIF, 2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] (TARDIF, 2000).

Apesar das atualizações estarem ocorrendo, quando se fala em educação especial, especificamente na formação de professores para alunos com Altas Habilidades/Superdotação mais competências se faz necessária, aumentando os desafios dos cursos de formação docente (os iniciais e os subseqüentes). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) define educação especial da seguinte forma:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação da Lei nº 12.796 de 2013, Art. 58).

Pela definição brasileira pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes, capacidade psicomotora (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001).

No que tange os cursos de formação docente para AH/S no Brasil é possível apontar algumas pesquisas que exploraram essa questão.

Em 2002, FLEITH e MAIA-PINTO investigam a percepção do professor de ensino fundamental e de educação infantil sobre alunos superdotado, do qual concluíram que os professores possuíam conhecimento superficial do conceito, do processo de identificação e não contavam com orientações específicas sobre práticas educacionais compatíveis com as necessidades de alunos superdotados.

REIS (2006) faz um estudo que indica a necessidade da criação de cursos de habilitação profissional para impulsionar a formação de professores, ampliando, como conseqüência, a hoje desprovida oferta de atendimento aos alunos com AH/S no país. Este estudo revela ainda uma carência de estudos relacionados aos cursos de formação para esta área de atuação no Brasil.

Em 2013, AMARAL discute uma proposta de formação de professores a partir do lúdico como um possível caminho para identificação de alunos com AH/S, no qual aponta a escassez de cursos de formação que habilitem professores a identificar e trabalhar com alunos AH/S.

BAHIENSE e ROSSETTI (2014) publicam um artigo que objetivou explorar as concepções de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Vitória-ES sobre AH/S e concluem, entre outras coisas, que os professores não tiveram uma formação adequada para lidar com esse público.

Após 20 anos será que os cursos de formação de professores no Brasil estão possibilitando o



desenvolvimento de competências que permitam a professores uma percepção clara das AH/S? Nesse contexto, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação, na área de ciências exatas e da terra, junto a dois grupos de atores: os licenciandos, observando se os cursos de formação iniciais de professores estão tratando essa temática e permitindo a percepção da superdotação a seus agentes em formação; e professores em exercício, observando se as formações subsequentes e a prática docente trazem a percepção da superdotação.

Para tal investigação, dois questionários de pesquisa foram elaborados e aplicados a cada grupo de atores de forma anônima. A preocupação foi buscar amostras representativas e diversificadas dentro a área de ciências exatas e da terra, com licenciandos de universidades distintas no estado do Rio de Janeiro e com docentes diversos no que diz respeito ao tempo de atuação, grau de formação, seguimento e rede educacional de atuação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados que faz um comparativo entre o docente na academia (formação inicial) e o professor em exercício, com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subsequentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil para AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DAS AH/S E O PAPEL DO PROFESSOR

Quando se fala em AH/S é comum as pessoas se lembrarem de grandes gênios que deixaram por meio de feitos importantes contribuições a humanidade. Entretanto, essa é uma visão limitada e que demonstra desconhecimento da sociedade com relação ao tema. As palavras de VIRGOLIM em 2007 deixam claro essa questão:

O termo “superdotado”, além de ser apresentado de forma deturpada, gera confusões até mesmo entre as pessoas com habilidades superiores, que não se percebem como superdotadas. Isso provavelmente se dá porque a palavra as remete aos super-heróis [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com (VIRGOLIM, 2007, p. 11) as pessoas AH/S formam um grupo heterogêneo, com características diferentes, habilidades diversificadas, bem como interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e autoconceito, traços de personalidade e necessidades educacionais distintas. Toda essa natureza desigual torna desafiador compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, especialmente a pais, professores e governantes, de forma a atender as necessidades especiais desta população e desenvolver suas potencialidades. “Tal complexidade faz com que o fenômeno AH/S seja permeado por muitos mitos e concepções equivocadas que provocam reações contraditórias” (CHAGAS, 2007, p. 15).

Pessoas AH/S são mais numerosas e estão muito mais próximas do que se imagina. A estimativa da Organização Mundial de Saúde os quantifica entre 3,5% e 5% no Brasil (Cadernos PDE, v II, 2016) e poucos estão sendo identificados e atendidos em suas necessidades especiais.

As teorias que envolvem a caracterização e identificação de pessoas AH/S são inúmeras, porém, a teoria dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), é a mais aceita na área, por suas contribuições únicas. (ALMEIDA et al, 2000) disponibiliza a tradução do conceito de superdotado na visão de Renzulli considerando que:

Para haver sobredotação é necessário uma interação entre habilidades superiores, criatividade e envolvimento, aplicando estas três componentes à diferentes áreas de realização reconhecidas



socialmente (acadêmica, social, artística, desportiva, etc.) [...] (ALMEIDA et al 2000, p.140).

Renzulli estabelece dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a criativo-produtivo e ao mapear características cognitivas e afetivas do superdotado, ele demonstra a existência de pontos fortes e também fragilidades sócio-emocionais desses estudantes. Fato do qual deixa claro a necessidade de acompanhamento dos mesmos para o desenvolvimento de suas potencialidades e para a formação de um indivíduo emocionalmente saudável. A família e os professores são peças-chaves nesse acompanhamento. Os estudantes AH/S necessitam de pais e professores que incentivem seus interesses, imaginação, forneçam estímulo, sejam sensíveis aos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva, desespero e perfeccionismo, entendam seu senso de humor, seus questionamentos, etc. (VIRGOLIM, 2007, p 43).

A verdade é que algumas características do AH/S, quando observadas no ambiente escolar, refletem comportamentos que têm sido pouco compreendidos pelos educadores, no geral. O professor estar ciente dessas características e comportamentos faz toda a diferença em se tratando de aprendizagem e necessidades educacionais (BURNS, 2014, p. 378).

Em ambientes educacionais tão diversificados do ponto de vista das pessoas e seus relacionamentos sociais quando se trata de estudantes AH/S, observa-se a necessidade de estratégias pedagógicas e currículos que atendam suas necessidades educacionais.

O acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com AH/S, implica em oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada um possa desenvolver plenamente seu potencial, a sua autonomia e habilidades. Quando isso não é oferecido, um dos únicos caminhos para os alunos com AH/S é tentar se adaptar à rotina do ensino convencional, o que pode gerar desperdício de talento, potencial ou desmotivação por não estarem devidamente assistidos (FLEITH, Denise (Org). v.2. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

2.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Essa é uma pesquisa qualitativa de opinião pública com participantes não identificados. Questionário de pesquisa foi o instrumento de coleta de dados utilizado. Dois questionários de pesquisa foram elaborados no Google Forms, um direcionado a licenciandos da área de ciências exatas e da terra e outro direcionado a professores em atividade da mesma área. O anonimato foi uma marca importante no processo de coleta de dados e a preocupação se concentrou na busca por amostras representativas e diversificadas, mapeando várias universidades e profissionais de diferentes instituições, níveis, tempo de serviço, entre outras características.

Os questionários investigam: o conhecimento dos participantes, mitos que permeiam a área, formação, concepções relativas aos cursos de formação docente no contexto das AH/S. A diferença entre os questionários está no fato de que na pesquisa direcionada aos docentes se faz um mapeamento de características relativas a aspectos profissionais, o que garante a diversidade da amostra.

Diversas configurações foram definidas no formulário para garantir resultados fidedignos, são elas: restrição de domínio; limitação a uma resposta; não recolhimento de e-mail para garantir o anonimato; não possibilidade de edição após envio; não permissão a visualização de outros pesquisados para evitar influências; obrigatoriedade de preenchimento de todas as perguntas, entre outras medidas.

Participaram da pesquisa 29 licenciandos e 27 docentes, totalizando 56 participantes. Os dados foram tratados qualitativa e quantitativamente e serão apresentados na seqüência.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



O questionário de pesquisa direcionado aos docentes em exercício foi estruturado em três etapas, a saber : 4 questões objetivas relacionadas à sua configuração profissional, 5 questões discursivas para averiguar o conhecimento relativo ao conceito AH/S e sua formação nessa área e 26 afirmações para verificação de mitos relacionados às AH/S entre os docentes. Já o questionário voltado aos licenciandos difere apenas no fato de não apresentar questões de mapeamento profissional.

Foi perguntado aos docentes o tempo de atuação profissional, seu nível de formação acadêmica, o seguimento e a rede de educação em que atuam. As respostas fornecidas por 27 docentes são apresentadas nas figuras 1, 2 3 e 4 a seguir.

Figura 01 - Tempo de atuação profissional

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que a amostra teve uma boa distribuição entre os pesquisados, onde docentes com mais de 15 anos de profissão corresponde a pouco mais de 50% dos participantes e os outros 50% para aqueles que possuem menos de 15 anos de atuação profissional.

Figura 02 - Nível de formação acadêmica.

Fonte: Organizado pelos autores.

No gráfico é possível notar que a amostra contemplou todos os níveis de formação acadêmica, com 7,4% de pós-doutores, 14,8% de doutores, com grande predominância de mestres (37%) e pouco mais de 40% de graduados e pós-graduados (especialização e extensão).

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 são de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que investiga se a prática docente (muito relacionada ao tempo de serviço) e as formações subsequentes (muito relacionadas as formações acadêmicas) podem modificar a percepção do professor quanto a superdotação.

Figura 03 - Seguimento de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Nesse item o formulário permitiu ao docente informar todos os seus seguimentos de atuação. Note que a predominância ficou com o ensino médio, seguidos do ensino fundamental II e graduação.

Figura 04 - Rede de atuação.

Fonte: Organizado pelos autores.

Observe que todas as esferas de educação foram contempladas (privada, municipal, estadual, federal e militar), fato que comprova uma amostra representativa e diversificada.

A partir desse mapeamento profissional, os formulários seguiram de forma equivalente, com algumas poucas adaptações, com 5 questões discursivas e 26 afirmações relacionadas a mitos, cujos resultados serão apresentados de forma paralela e comparativa.

Pergunta 1: O que entende sobre Altas Habilidades/Superdotação (AH/S)?

Essa pergunta visava mapear o conceito global dos pesquisados com relação às AH/S. Algumas das respostas coletadas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 1.



Fonte: autores.

As respostas dos licenciandos e dos docentes se mostraram superficiais, com uma visão na grande maioria do senso comum e em muitas vezes reconhecendo que não detinham conhecimento aprofundado do assunto. A maior parte dos pesquisados responderam de forma geral que AH/S são pessoas com aptidão de aprender, com capacidade de aprender acima da média. Vale destacar que alguns poucos mencionaram a facilidade em aprender em uma ou algumas áreas do conhecimento humano.

Comparando as respostas, observa-se que não houve diferença substancial entre os dois grupos pesquisados.

Pergunta 2: Já lecionou para algum aluno com AH/S? Informe detalhe. No questionário dos licenciando foi perguntado: Conhece alguém com AH/S? Informe detalhe.

A pergunta 2 visava observar se os pesquisados conseguem ou se sentem capaz para identificar uma pessoa AH/S. Nas respostas a grande maioria disse categoricamente não ou que não tinham certeza. Dentre aos que responde afirmativamente, o grupo docente apresenta um número pouco maior em comparado com o grupo de licenciandos. Algumas das opiniões podem ser observadas na tabela 2.

Tabela 2 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 2.

Fonte: autores.

Destaque para a resposta docente que enumera e caracteriza três alunos e para resposta do grupo licenciando que cita um suposto caso de AH/S na área musical e psicomotora. Nos dois casos os pesquisados parecem realmente terem reconhecido pessoas com AH/S, descrevendo características inerentes a esses indivíduos. Entretanto, ficou claro que a grande maioria não reconhece um AH/S e em alguns momentos até desconfiam, mas não possuem subsídios suficientes para identificação, assim como não possuem apoio escolar e pedagógico para lidar com a questão.

Pergunta 3: Participou de algum curso, encontro, seminário, palestra, live (ou afins) que tratou o tema AH /S? Informe detalhe.

Essa pergunta estava vinculada a investigação sobre a formação dos pesquisados, em especial a formação subsequente. No grupo docente cerca da metade respondeu já ter tido algum tipo de capacitação sobre o tema, enquanto que no grupo dos licenciandos alguns poucos já haviam tido contato com o tema, conforme respostas apresentadas na tabela 3. O tempo de profissão pode explicar esse fato.

Tabela 3 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 3.

Fonte: autores.

Com as respostas foi possível perceber que as lives estiveram presentes em alguns casos de capacitação . Esse meio, muito difundido em tempos de pandemia, parece ser uma forma eficaz, de grande alcance, baixo custo e que pode representar um caminho interessante para capacitar docentes.

Pergunta 4: Considera que os cursos de formação de professores no Brasil preparam adequadamente para atuar com alunos AH/S? Justifique pensando no que seria uma formação ideal nesse caso.

Essa questão apurava a opinião dos participantes quanto à formação para AH/S que obtiveram ao longo de suas trajetórias, bem como fazia o pesquisado refletir que formação seria ideal para tratar esse conceito.

O que chamou atenção nas respostas a essa pergunta, em ambos os grupos pesquisados, foi que todos disseram (unanimidade) que os cursos de formação de professores no Brasil não preparam adequadamente seus profissionais a lidar com alunos AH/S, respostas na tabela 4.



Tabela 4 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 4.

Fonte: autores.

Em algumas falas é possível constatar que alguns solicitam por formação ligada à educação especial e especificamente as AH/S. Todavia, o que se pôde perceber é que a maioria dos cursos de formação docente no Brasil nem ao menos mencionam o assunto. Fato preocupante, uma vez que a OMS afirma que os AH/S correspondem de 3,5% e 5% da população, sendo que teorias atuais afirmam um percentual ainda maior.

Pergunta 5: Qual(is) característica(s) considera relevante em docentes de alunos com AH/S?

Esse item visava fazer os pesquisados refletirem a respeito das competências do docente para lidar com alunos AH/S. As respostas foram diversas em ambos os grupos. Reparem que alguns retomam a questão da capacitação, da necessidade de conhecer o assunto.

Tabela 5 - Algumas respostas dos docentes e licenciando para pergunta 5.

Fonte: autores.

Em algumas respostas pôde-se observar uma preocupação clara com a capacidade intelectual do professor, colocando essa questão como característica relevante para lidar com o aluno AH/S. Ao contrário do que muitos pensam o professor não precisa ser um AH/S, de acordo com Renzulli o professor de alunos AH/S precisa ter domínio do conteúdo; estratégias pedagógicas dinâmicas e desafiadoras; e romance com a disciplina (Cadernos PDE, v II, 2016).

A terceira parte do questionário aponta um conjunto de mitos e verdades sobre as AH/S e solicita aos pesquisados que marquem as opções que consideram corretas. Um conjunto de afirmações foi elencado, com base em mitos definidos por WINNER em 1998, por ALERCAR e FLEITH em 2001 e por PÉREZ em 2004, conforme menciona (MAIA-PINTO, R. R. e FLEITH, D. S., 2001). Os resultados obtidos foram mapeados na tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Respostas a mitos e verdades na concepção de docentes e licenciandos.

Fonte: autores.

No grupo docente cerca de 30% afirmam que as AH/S é um fenômeno raro. No grupo de licenciando esse percentual ainda é maior, pouco mais de 55%. Isso se deve ao fato da dificuldade de identificação e conseqüentemente a invisibilidade desses indivíduos, como se preocupa (AMARAL, 2013) em sua pesquisa.

Quando se fala em classe social, sexo, raça a confusão também existe entre os pesquisados. Observe que mais de 10% dos pesquisados considera que as AH/S está mais presente no sexo masculino. Ao se tratar de QI, a certeza dos pesquisados giram em torno de 50%, afirmando que pessoas AH/S têm elevado QI. No entanto, já se sabe que muitos AH/S não apresentam bom desempenho em testes de QI. Robert Sternberg, psicólogo Norte Americano, é um crítico aos testes de QI dado que considera que são instrumentos que medem apenas alguns aspetos da inteligência (VIRGOLIM, 2007, p. 53). A referência ao QI também aparece nas respostas discursivas, quando se define as AH/S como pessoas com QI acima da média.

Ainda hoje é comum a confusão entre os conceitos AH/S e gênio. Apesar de serem gradações de um mesmo conceito, usam-se o termo gênio apenas para descrever pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade em algum momento do tempo (VIRGOLIM, 2007, p. 27). Entre os docentes a confusão dos conceitos ocorreu em mais de 11% dos casos, enquanto que nos licenciandos em 28% das respostas.

Um percentual maior entre os docentes (7,4%) em comparado com os licenciandos (6,9%) aponta que



peessoas AH/S são bons alunos. Já se sabe que os AH/S acadêmicos costumam ser bons alunos, mas que os criativos-produtivos nem sempre tem esse perfil (RENZULLI, 2014). Essa confusão pôde ter levado ao fato de considerarem que ser AH/S é garantia de futuro promissor, apesar de que em ambos os grupos a grande maioria (na ordem de 80%) afirmou que um AH/S pode ter fraco desempenho em algumas áreas do conhecimento.

Ao afirmar que os AH/S apresentam quase sempre questões psíquicas, mais de 11% dos docentes e 20% dos licenciandos afirmam que sim. No entanto, já se sabe que não há relação. Na tabela pode ser visto ainda que as AH/S foi classificado como doença por um dos pesquisados.

Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado, em ambos os casos a grande maioria, na ordem de 80% demonstra essa consciência, apesar de que os relatos anteriores deixam claro que não sabem como proceder.

Outro item que chama a atenção é que alguns não conhecem a origem da superdotação. No entanto, a literatura afirma que o componente genético é fundamental, mas não suficiente, necessitando de um ambiente de estímulos para que as AH/S se manifeste (VIRGOLIM, 2007).

Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas, é um mito que se pôde verificar presente entre alguns dos pesquisados.

Nos dois grupos alguns apontam que as AH/S é um fenômeno homogêneo em termos cognitivos e afetivos e, no entanto se sabe que a complexidade dos indivíduos AH/S vem muito da heterogeneidade dos casos. De acordo com Virgolim (2007, p. 34) um dos aspectos mais marcantes da superdotação relaciona-se ao traço de heterogeneidade.

A solidão dos AH/S também chamou atenção no caso nos dois grupos pesquisados, em torno de 35% afirmam que AH/S são solitários. Esse fato mostra que o ambiente educacional e social ainda exclui naturalmente o superdotado.

O Brasil optou por construir um sistema educacional inclusivo de acesso e qualidade. É na escola, portanto, que alunos com necessidades especiais devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades e necessidades de cada um. Apesar dos esforços, é necessário se prever todas as mudanças que os sistemas de ensino, as escolas e a sociedade devem promover para que alunos com necessidades educacionais especiais sejam, realmente, incluídos. Quando se fala em alunos AH/S se faz necessário ofertar programas de enriquecimento escolar e aprofundamento dos estudos (DELOU, 2007, p. 33).

É inegável que o governo vem fazendo esforços no sentido de ampliar a capacitação dos professores no âmbito da educação especial inclusiva, porém parece que um logo caminho ainda precisa ser percorrido. Nessa pesquisa foi possível observar que tanto licenciandos como docentes em exercício (área de ciências exatas e da terra) compreendem superficialmente as AH/S e demonstram em suas falas que os cursos de formação docentes no Brasil, tratam muito pouco ou mesmo nem comentam o assunto, mesmo não cabendo generalizações.

Com o grupo de licenciandos foi possível observar que os cursos básicos de formação de professores deixam a desejar no que diz respeito às AH/S.

A pesquisa garantiu uma amostra diversificada com quase 50% de docentes com mais de 15 anos de profissão, mas parece que a experiência e as formações posteriores trouxeram maturidade e conhecimento, entretanto aparentemente insuficientes, dado as respostas superficiais e equivocadas por grande parte do grupo pesquisado.

Esperava-se que a prática docente e as formações subseqüentes dos professores em exercícios trouxessem a percepção das AH/S, mas pelo que a pesquisa aponta a mudança não é muito substancial,



apesar de terem se equivocado menos em comparado aos licenciandos.

Os mitos se mostraram presentes no imaginário dos grupos pesquisados, fato que demonstra a falta de informação e capacitação adequadas. Sabe-se que a internalização de muitos desses mitos é prejudicial à identificação e atendimentos de alunos com AH/S (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014).

Acredita-se que o professor é peça chave na educação de alunos AH/S. Docentes informados e capacitados terão as competências necessárias para identificar e trabalhar adequadamente com esses alunos, permitindo que desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Em 1998, Virgolim afirma que muito se tem feito, mas que são grandes os desafios da área, dentre os quais aponta: o treinamento especializado dos profissionais; cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais desta população; disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema (VIRGOLIM, 2007, p. 18). Não cabem aqui generalizações, mas pelos indícios duas décadas se passaram e os desafios permanecem os mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor exige o domínio teórico do conhecimento profissional, mas exigem ainda outras competências que lhes permitam aliar o saber, o saber fazer e o saber ser. Quando se encontra no âmbito da educação especial, em particular da educação de alunos AH/S tais competências se tornam mais específicas e exigem ainda mais informações e capacitações por parte desses profissionais.

Exemplos mostram que a educação inclusiva não será implementada somente com a inserção de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. É preciso garantir acessibilidade, recursos materiais, a capacitação do professor, se estabelecer critérios e normas do funcionamento inclusivo. É importante que o professor na área da AH/S tenha flexibilidade na conduta pedagógica, possibilite o crescimento de habilidades e potencialidades, bem como oportunize desafios motivadores e de interesse desses alunos.

A verdade é que o trabalho do professor na área das AH/S é desafiador e requer uma formação docente preocupada com a temática. Com base na questão, essa pesquisa investiga a percepção das Altas Habilidades/Superdotação junto a dois grupos de atores: os licenciandos e professores em exercício. O trabalho faz um comparativo entre os grupos pesquisados com a finalidade de verificar se a prática docente e as formações subseqüentes modificam a percepção do professor no que diz respeito às AH/S. Observam-se, ainda, aspectos dos cursos de formação docente no Brasil sobre as AH/S, refletidos no conhecimento e competências demonstrados pelo professor e suas concepções do assunto.

Participaram da pesquisa 56 pessoas da área de ciências exatas e da terra. A pesquisa se preocupou com uma amostra diversificada e com análise dos dados embasada na literatura.

Diante das respostas obtidas pôde-se apurar que em ambos os grupos pesquisados o conhecimento das AH/S se mostrou superficial e que a prática docente, bem como capacitações posteriores a formação básica não tem trazido a percepção adequada da superdotação. Esse fato remete-se a pensar que a formação docente no Brasil, apesar de muitos esforços, ainda não trata a temática com a complexidade devida. Isso fica claro nas respostas superficiais e muitas vezes equivocadas dos pesquisados, bem como a declaração dos mesmos quanto suas formações. Muito se tem a fazer para mudanças de tal paradigma.

4 REFERÊNCIAS

GAUTHIER, C. e TARDIF, M. A pedagogia do amanhã. In: GAUTHIER e TARDIF (org.). A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 423-436.



TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão, 2001. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em 27 setembro 2020.

_____. MEC. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior, 2000, p. 36. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ed_basdire.pdf. Acesso em 11 de outubro 2020.

Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30037356/do1-2013-04-05-lei-n-12-796-de-4-de-abril-de-2013-30037348. Acesso em 06 janeiro 2020.

_____. Resolução CNE/CEB Nº 02 de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 15 janeiro 2020.

FLEITH, D. S. e MAIA-PINTO, R. R., Percepção de professores sobre alunos superdotados, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a07.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

REIS, H. M. M. S., Educação inclusiva é para todos? a (falta de) formação docente para altas habilidades /superdotação no Brasil, 2006. Disponível em : https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_249320813a272237d3ecb86cfc71d70d. Acesso em: 28 setembro 2020.

AMARAL, A. S. S. A., A formação do professor a partir do lúdico: um possível caminho para identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/PPGE, UFRJ, 2013.

BAHIENSE, T. R. S. e ROSSETTI, C. B., Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2020.

VIRGOLIM, A. M. R., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 11, 18, 27, 53 e 43. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

CHAGAS, J. F., Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades , IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação para pais e professores. p. 15. Porto alegre: Artmed, 2007.

_____. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções Didático -Pedagógicas. Cadernos PDE, volume II, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_mat_uenp_mariaterezacoccia.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.

ALMEIDA, S. L.; OLIVEIRA, E. P.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, G. C. O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: Impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação. Braga, ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação). Vol. 1, nº 1 e 2, 2000.

BURNS, D. E. Altas habilidades/superdotação: manual para guiar o aluno desde a definição de um problema até o produto final. p. 378. Curitiba: Juruá, 2014.

FLEITH, Denise (Org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades



/superdotação. v.2: Atividades de estimulação de alunos. Brasília: MEC, 2007.

RENZULLI, J. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Revista Educação Especial | v. 27 | n. 50 || p. 539-562 set .dez. 2014. Santa Maria. (Tradução: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez).

DELOU, C. M. C., Altas habilidade/superdotação - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Introdução, p. 33. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 06 junho 2019.

Title

FROM BASIC TRAINING TO TEACHING PRACTICE: WHAT IS THE TEACHER'S PERCEPTION ABOUT GIFTING?

Abstract

The exercise of the teaching profession in the area of ??High Ability/Giftedness is challenging and requires training concerned with this theme. In this context, this research investigates the perception of High Ability/Giftedness, in the area of ??exact and earth sciences, together with two groups of actors: undergraduate and acting teachers. The work makes a comparison between the researched groups with the purpose of verifying if the teaching practice and the subsequent formations modify the perception of the teacher with regard to HA/S. There are also aspects of teacher training courses in Brazil, reflected in the knowledge and skills demonstrated by the teacher and his conceptions of the subject. Fifty-six participants from the exact and earth sciences participated in the research. The public opinion survey with unidentified participants was concerned with obtaining a diverse sample and the data were treated qualitatively and quantitatively. GAUTHIER, TARDIF, PERRENOUD, RENZULLI, FLEITH, MAIA-PINTO, REIS, AMARAL, BAHIANSE and ROSSETTI were some of the authors that supported the discussions of this work. In view of the answers obtained, it was found that in both groups researched, the knowledge of HA/S was superficial and that teaching practice, as well as further training, has not brought an adequate perception of giftedness.

Keywords

High Skills/Giftedness; teacher training and teaching practice.

Recebido em:

Aceito em:

DocentesLicenciandos

Tenho uma visão puramente do senso comum sobre o assunto.Superdotação, é aquele(a) que já nasce com isso, só a ciência para poder explicar.

“Entendo somente o que significa, não tenho nenhum conhecimento mais aprofundado do assunto.”É quando um aluno tem QI acima da média.

Pessoas que possuem capacidade de aprender acima da média.Entendo que está atrelado a estudantes que possuem um desempenho diferente (elevado) dos demais alunos.

Aluno com aptidão em determinado assunto.Não entendo sobre o assunto.

É uma característica apresentada por alguns indivíduos de um definido grupo, que se destacam em relação aos seus pares, com domínio avançado nas áreas: científica, artística, entre outras.Entendo que



peessoas que tem AH/S possuem uma maior facilidade de aprendizagem em algo que lhe é de interesse em aprender, são mais autônomos, contudo, em atividades que não é de seu interesse, acabam não tendo muito sucesso no aprendizado.

DocentesLicenciandos

Não que eu tenho percebido. Não que eu me lembre.

Não sei ao certo, em um projeto, lidei com um aluno do ensino fundamental que era medalhista da olimpíada de matemática. Ele se sentia muito frustrado, pois tanto as atividades que eu trazia quanto as suas aulas regulares eram muito triviais para ele. Não tenho experiência para dizer se ele era super dotado ou apenas um aluno empenhado em aprender. Um aspirante da Escola Naval, ele aprendia e dominava o Cálculo e até mesmo chegou a ensinar o professor. Ele aprendia tudo sozinho, e isso em todas as matérias.

Sim. Um aluno no quinto ano que fazia todas as atividades de matemática de cabeça. Não consigo distinguir pessoas com AH/S e sem AH/S.

Nunca. Não conheço.

Sim. Consigo citar 3: - Guilherme, ele não interagia com a turma, estava sempre isolado e muitas vezes realizava todas as tarefas bem mais rápido que os outros alunos. Sempre questionava algo além do que fora explicado. - Pietra, uma aluna formidável, que assistia às aulas e desenhava bastante. Às vezes, parecia que ela estava em outro local e nem prestava atenção na aula. No início, isso me deixou frustrada, pois pensei que ela não gostava da aula. Mas, conversando com os outros professores, seu comportamento era o mesmo, em todas as aulas ela interagia bem com os alunos, assumia a liderança da turma. Nesse colégio acontecia olimpíadas a cada 2 anos e os pais podiam assistir os jogos. Sua mãe era a mais animada de todo colégio, ela participava de tudo. - Yago, outro excelente aluno, participativo, que costumava formular perguntas após a explicação, sempre além do que fora lecionado. Ele permaneceu no último ano do ensino médio, como monitor de português para alunos do ensino fundamental com maiores dificuldades. Sua família era humilde e sua mãe sempre estava envolvida com a escola. Fui praticante de Capoeira durante toda a adolescência e início da vida adulta. Nesse esporte, tive a oportunidade de conhecer um aluno, apelidado de Borracha, com uma habilidade incrível de tocar berimbau e saltar (fazer saltos "mortais"). O Borracha tinha uma ótima audição para o referido instrumento e uma técnica de aprender que não sabia explicar. Não esqueço o dia em que ao ouvir, pela primeira vez, os distintos toques do berimbau feitos pelo contramestre, já foi reproduzindo-os sem dificuldades. Surpreendendo, desse modo, os alunos mais graduados e o próprio contramestre. Não demorou muito para ele ganhar a confiança do nosso professor e, assim, começou a ajudá-lo com o ensinamento de toques de berimbau.

DocentesLicenciandos

Sim. Capacitação que falou de necessidades especiais quando trabalhava no particular. Não.

Não, em nenhum momento da minha trajetória formativa e/ou de efetiva atuação em sala de aula. Sim, participei de um curso de extensão e mais recentemente de uma live sobre o assunto.

Seminário, por interesse próprio. Nunca participei.

Sim. Uma Live, para mim foi muito esclarecedora. Eu estava incluída no grupo de pessoas que acreditavam que AH/S, se aplicava apenas para o domínio de conteúdos matemáticos. Não, só ouvi minha mãe comentando sobre esse assunto (ela é orientadora educacional) e o programa Caldeirão do Huck chegou a trazer um quadro sobre crianças com altas habilidades no início da quarentena.

Sim para todas as opções. Sim de duas lives.



DocentesLicenciandos

Não vejo preparação específica nos cursos de formação de professores para lidar com alunos ah/s. Realmente não me considero apto para conjecturar sobre tal formação. Não, pelo menos nunca ouvi a respeito de uma disciplina que aborde este tema. Seria ótimo propor uma disciplina ou oficinas que tratassem desse assunto.

Não. Não há preparação adequada para de identificar um aluno AH/S e muito menos de como trabalhar todo o seu potencial. Não tenho opinião sobre isso, pois nunca tive contato com cursos de formação para esse fim.

Não. Como justificativa, é possível dizer que a educação brasileira está passando, ao longo de muitos anos, por uma grande reforma, que ainda não é suficiente. Nem tampouco alcança todos os níveis de ensino, nas suas diferentes etapas da educação. Porém estamos avançando, e isto deve ser considerado uma conquista. O ensino sobre diferentes legislações que defendem indivíduos com necessidades especiais. A disciplina de Libras (Linguagem de Sinais), nos currículos das Licenciaturas, são exemplos de que estamos caminhando na direção de uma formação ideal. Há de se convir que é pouco, podem melhorar. Acredito que o Governo deveria ofertar diversos Cursos de Formação Continuada para Docentes. Não, apesar de haver disciplinas voltadas para desenvolver a melhor interação do futuro professor com seus alunos, não há nada específico para identificação e como agir com pessoas que apresentem essas condições.

Não. Talvez pelo fato de que quando pensamos em inclusão, pensamos em quem tem deficiências e não em alunos com estas habilidades. Não, acho que não tem uma maneira específica pra isso, em diversas situações, o aluno superdotado, pode estar sempre à frente do professor. Talvez se tivesse um professor superdotado também.

Os cursos de formação de professores não preparam adequadamente para essas realidades. Os professores precisam conhecer cada tipo de necessidade e, assim saber como conduzir os alunos na obtenção de seu melhor desempenho. Não, até porque eu estou cursando uma licenciatura e até o momento não tinha ouvido nenhum professor comentar sobre. Acredito que uma formação "ideal" seria uma que nos ajude a identificar tais alunos e nos mostre caminhos para desenvolver essas habilidades.

DocentesLicenciandos

Ter qualificação e aptidão para trabalhar com isso. Não consigo responder. Sei muito pouco do assunto.

Conhecimento específico do assunto. Capacidade de identificar e trabalhar com AH/S.

Professores inovadores, dinâmicos, pesquisadores, atualizados e comprometidos com a educação. Antes de tudo conhecimento em todas as suas especificidades.

Pela minha experiência em lidar com alunos de alto desempenho, vejo o docente mais como uma fonte bibliográfica e para sanar dúvidas pontuais do que um interventor relevante. Nada além do que o professor já tem como responsabilidade, estimular cada vez mais o desenvolvimento e o aprendizado do aluno de acordo com sua realidade.

Aqueles que consigam apresentar novos desafios aos estudantes com regularidade, para motivá-los. Capacidade intelectual para auxiliar esses alunos e tranquilidade para fazer um trabalho diferenciado.

Mitos e verdades Docentes (%) Licenciandos (%)

A AH/S é um fenômeno raro. 29,6% 55,2%

Existem mais homens AH/S em comparado a mulheres AH/S. 11,1% 10,3%



Pessoas com AH/S normalmente provem de classes socioeconômicas privilegiadas.0%3,4%
As pessoas AH/S têm elevado QI.48,1%51,7%
O Q.I. se mantém inalterado ao longo da vida.3,7%6,9%
Indivíduos com AH/S são gênios.11,1%27,6%
Pessoas com AH/S são bons alunos.22,2%10,3%
Um aluno AH/S terá futuro brilhante.7,4%6,9%
AH/S pode ter fraco desempenho certas atividades intelectuais.77,8%86,2%
O cérebro de um indivíduo AH/S é maior.0%0%
Pode-se identificar um AH/S antes da fase escolar.66,7%79,3%
A AH/S é, em grande parte, genética.22,2%20,7%
A AH/S é hereditária.3,7%6,9%
AH/S quase sempre apresentam questões psíquicas.11,1%20,7%
A AH/S é uma deficiência.0%0%
A AH/S é uma doença.0%3,4%
Os AH/S normalmente se destacam nas áreas exatas e/ou tecnológicas.11,1%41,4%
A AH/S está relacionada somente ao conhecimento empírico ou técnico.0%0%
AH/S precisam de condições adequadas para aprender e se desenvolver.44,4%75,9%
AH/S aprendem sozinhos.44,4%20,7%
O aluno AH/S não precisa ser estimulado pela escola e pela família.14,8%6,9%
O Aluno AH/S é comportado.0%0%
Aluno AH/S precisa de atendimento educacional especializado.85,2%65,5%
Crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos.3,7%10,3%
Não se devem identificar pessoas AH/S, uma vez que a identificação fomenta a rotulação.7,4%20,7%
O aluno AH/S é solitário.33,3%34,5%

Página

1 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Página

20 _____

Travessias,Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>